

[ JOÃO BRAGA ]

Professor e estilista. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação de diversas escolas de moda, em São Paulo, as disciplinas História da Arte, História da Moda, Cultura de Moda e Estética. É autor dos livros *História da moda: uma narrativa*, *Reflexões sobre moda*, volumes I, II, III e IV. Com Luís André do Prado, é coautor de *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*.

## O talentoso Paul Poiret



[ 19 ]

Em seu livro de memórias intitulado *Eu vesti a minha época*, escrito entre 1930 e 1934, Paul Poiret conta sua história desde aprendiz, passando pela genialidade e reconhecimento, até a decadência, sem dinheiro, na qual ele questionava se sua alta capacidade artística poderia ser comparada à loucura.

Nasceu, viveu (intensamente) e morreu em Paris (1879-1944). Sua cidade natal o acolheu de braços abertos naquela área que sempre teve vocação histórica, ou seja, a moda.

Não tenho intenção de fazer um relato biográfico de Poiret, mas sim fazer uma breve análise de quanto pioneiro e vanguardista esse costureiro o foi no seu percurso profissional ao seu próprio tempo. Denominado "O Magnífico", Poiret também recebeu a alcunha de "Rei da Moda" e, de fato, cumpriu muito bem o papel dessas adjetivações de maneira tão inovadora que a historiografia da moda jamais poderá olvidá-lo.

Escolhi falar de Paul Poiret por meio de 11 atitudes altamente inovadoras que o eternizaram como arauto dos novos tempos. O número 11 foi escolhido, independentemente das coincidências, pelo fato de que em 2011 completaram-se 100 anos da associação do setor de cosmética e perfumaria ao universo da moda, e adivinhem por quem? Lógico, Poiret!

Filho de pai comerciante de tecidos, ingressou na moda criando guarda-chuvas. Posteriormente foi assistente de Jacques Doucet; também trabalhou na *Maison Worth* (com seus filhos Jean-Philippe e Gaston); casou-se com sua manequim preferida – Denise Boulet – em 1903, com quem teve cinco filhos. Nesse mesmo ano, abriu sua própria Casa de Costura e atingiu seu auge criativo entre os anos 1908 e 1914. No campo da moda, mesmo com atitudes altamente visionárias, talvez Poiret devesse ter tido mais vínculos de satisfação com valores estéticos e postura de artista do que de fato ter pensado, a longo prazo, nos benefícios de tantas inovações. Muito usufruiu dos retornos numerais, todavia, não se adaptando às mudanças dos tempos e numa postura de autoritarismo em criações de moda, perdeu sua clientela, teve que se desfazer de seus bens materiais adquiridos e morreu pobre e praticamente esquecido. No entanto, seguem pelo menos 11 contribuições reformadoras ao mundo da moda, idealizadas e praticadas por Poiret.

A partir de 1906, Poiret começou a apresentar coleções cujos vestidos de cintura alta, logo abaixo do busto, de inspiração no período do Império do início do século XIX, desvinculavam-se do uso do espartilho que, até então, estrangulava a cintura feminina deixando as mulheres com aparência mais jovem e mais ativa.

Em 1908, pela primeira vez na moda, e, posteriormente, em 1911, apresentou os "álbuns de moda", que hoje poderíamos chamar de catálogos. Esse fato ocorreu em razão do seu gosto excessivo pelo uso de cores fortes através de combinações inusitadas. Como nessa época ainda não existia a fotografia colorida, Poiret achava que as imagens em preto e branco não dialogavam com o seu conceito. Assim, convidou ilustradores para registrar seus vestidos em cores, por meio de seus álbuns – o primeiro elaborado por Paul Iribe e o seguinte por Georges Lepape.

A partir de 1909, depois da primeira apresentação dos Balés Russos, em Paris, sob a direção de Sergei Diaghilev, com a encenação de *Sherazade*, criou o conceito de orientalismo para suas propostas – atualmente, denominado multiculturalidade. Por meio dessa ideia, Poiret misturava referências da Índia, do Egito, da Turquia, dos países árabes, da China, da Rússia, entre outros, utilizando-se de elementos emblemáticos e do uso intenso de cores. Talvez o nome mais apropriado fosse Exotismo, pela exuberância de misturas e influências um tanto quanto fantasiosas. Nesse mesmo ano, foi o primeiro costureiro a propor o uso de calça comprida para as mulheres, lançando as calças de odalisca, igualmente denominadas calças à turca, a serem usadas sob caftãs e quimonos.





Naquele momento, foi também o primeiro costureiro a deixar a Rue de la Paix, local de grande prestígio para ter uma loja, e instalar seu ateliê na região próxima aos Champs-Élysées, onde hoje é a famosa área do Triângulo de Ouro da Alta-Costura – Avenue des Champs-Élysées, Avenue Marceau e Avenue Montaigne.

Em 1911, organizou a primeira turnê de manequins para apresentar, por intermédio de desfiles, suas coleções em outras cidades europeias além de Paris – Londres, Berlim, Viena, Bruxelas, Moscou, São Petersburgo – e, mais tarde, em Nova York (1913).

Igualmente, a partir de 1911, criou vários ateliês dedicados às artes decorativas. O primeiro foi a École Martine (nome de uma de suas filhas), no qual produzia desenhos para tecidos, objetos em geral, tapetes, vasos, luminárias, móveis etc. Mais tarde, abriu o Atelier Colin (nome do único filho) no qual produzia artigos de papeleria e cartonagem, além de vidros. Abriu também o ateliê La Petite Usine, no qual criava desenhos a serem aplicados em base têxtil. Também foi o primeiro costureiro a associar o universo da moda com o das artes plásticas quando do trabalho conjunto com o artista fovista Raoul Dufy, no ateliê La Petite Usine, para desenhar suas estampas para tecido.

Ainda nesse ano, foi o primeiro profissional da área de moda a unir um ateliê de costura à cosmética e à perfumaria, diga-se de passagem, dez anos antes de *Mademoiselle Chanel*. Assim, lançou o primeiro perfume – que recebeu o nome de sua filha mais velha, Rosine – a ter vínculo com a área de moda e criou uma série de produtos de beleza, como cremes, batons, esmaltes e produtos de maquiagem.

Em 1913, após sua turnê por Nova York, foi o primeiro costureiro a assinar contratos de licença para produção de seus artigos de moda, como meias, bolsas e luvas, com empresas norte-americanas.

Após ter fechado sua *Maison*, em 1929, e em pleno processo de decadência, no início dos anos 1930 abriu

uma nova casa, com o nome Passy 10-17 (número do telefone da loja), e criou, em 1933, uma coleção para a loja Liberty, de Londres, e posteriormente outra para o magazine *Printemps*, de Paris, a serem comercializadas de forma mais democrática e acessível ao grande público. À época, não funcionou. Todavia, essa atitude revela que Poiret também foi um dos precursores do conceito do *prêt-à-porter*, que só veio a ser difundido e assimilado após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

## BIBLIOGRAFIA

BAUDOT, François. Poiret. Paris: Assouline, 1997.

DESLANDRES, Yvonne. Histoire de la mode au XX<sup>ème</sup> siècle. Paris: Somogy, 1986.

LEHNERT, Gertrud. História da moda do século XX. Colônia: Könemann, 2000.

REMAURY, Bruno; KAMITSIS, Lydia. Dictionnaire international de la mode. Paris: Regard, 2004.

SEELING, Charlotte. Moda: o século dos estilistas 1900-1999. Colônia: Könemann, 2000.